

REVISTA MARACANAN

Dossiê

A revista *O Observador Econômico e Financeiro* e as favelas cariocas: fotografia documental e os regimes de representação da pobreza urbana (1942-1953)

The O Observador Econômico e Financeiro magazine and the favelas in Rio: documentary photography and urban poverty representation regimes (1942-1953)

Samuel Silva Rodrigues de Olivera*

Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da
Fonseca
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 23 jan. 2020.

Aprovado em: 06 maio 2020.



* Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Centro Federal Tecnológico Celso Suckow da Fonseca, Campi Maracanã. Doutor em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas; Mestre e graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. (samu_oliveira@yahoo.com.br)
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3771-9057>
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1492578610570434>

Resumo

O artigo analisa as fotorreportagens com imagens de favelas na revista *O Observador Econômico e Financeiro*, no período de 1942 e 1953, quando o fotógrafo Mozar Alves da Silva fez parte da equipe editorial do periódico. Criada em 1936 por Valentin Rebouças, *O Observador Econômico e Financeiro* foi uma revista especializada em análises sociais e econômicas, sendo um dos *locus* do debate desenvolvimentista. Na década de 1940, a revista incorporou parte das inovações gráficas introduzidas pelo *O Cruzeiro*, dando maior destaque às fotografias em suas reportagens que documentavam as transformações econômicas do país. O tema das favelas foi pauta de reportagens que abordavam a modernização urbana da Capital Federal. As fotografias reiteravam o mito da Favela no Rio de Janeiro e dramatizavam discursos e estigmas da pobreza urbana a partir do debate da "marginalidade social".

Palavras-chave: Favelas Cariocas. Fotografia Documental. Fotorreportagem.

Abstract

The article analyzes the photoreports with images of "favelas" from the *O Observador Econômico e Financeiro* magazine, between 1942 and 1953, when the photographer Mozar Alves da Silva was part of the editorial team. Founded in 1936 by Valentin Rebouças, *O Observador Econômico e Financeiro* was a magazine specialized in social and economic analysis, in context of developmentalism. In the 1940s, the magazine incorporated part of the graphic innovations introduced by *O Cruzeiro*, giving greater prominence to photographs in its reports to document the country's economic transformations. The theme of favelas was the subject of reports that deal with the urban modernization of the Federal Capital. The photographs reiterate the myth of the Favela in Rio de Janeiro and dramatized discourses and stigmas of urban poverty from the debate on "social marginality".

Keywords: Favelas Cariocas. Documentary Photography. Photoreport.

Os autores clássicos das Ciências Sociais nos anos 1960 e 1970 criticaram o que chamavam de “mito da marginalidade” urbana. Os textos que problematizaram a marginalidade social e a dualidade da reflexão sobre as favelas cariocas são vários: *Aspectos Humanos das favelas cariocas*, coordenado por José Arhtur Rios, Hélio Modesto e Padre Lebret; *A Sociologia do Brasil Urbano*, de Anthony Leeds e Elizabeth Leeds; *O mito da marginalidade*, de Janice Perlman; “A política na favela”, de Antônio Luiz Machado da Silva; e, *Favelas do Rio de Janeiro*, de Luciano Parisse.¹ Através dos artifícios teóricos e metodológicos da Sociologia, Geografia e Antropologia urbana, esses autores fundaram um campo de estudo e complexificaram a reflexão sobre as favelas, mostrando-as como parte do tecido urbano carioca e brasileiro. Também questionaram os discursos públicos que representavam as favelas como uma “patologia”, uma “chaga social” ou um “problema” que reclamava soluções urbanísticas drásticas e violentas. Assim, analisaram a marginalização social como intrínseca à construção do capitalismo e da reprodução das desigualdades.

Esses autores dialogaram com os imaginários e estigmas da “marginalidade social” que estiveram presentes na representação da informalidade urbana na América Latina. Em meados do século XX, constituiu-se um campo discursivo em que as diferentes formas de representação da pobreza urbana no sul global foram enquadradas numa retórica que relacionava o rápido crescimento urbano e industrial do Terceiro Mundo ao aumento da pobreza nas cidades. Produziu-se um campo de debate internacional sobre a “cidade latino-americana”, os seus “problemas” e as formas de equacionar “soluções”.² Na conjuntura da Guerra Fria, o Rio de Janeiro foi um dos *locus* para a discussão brasileira, e da construção de homologias entre a pobreza urbana carioca com os mocambos, as vilas, as periferias, as invasões e outras formas de informalidade urbana na modernização do país.³ Esse campo discursivo tinha uma forte influência das teorias que refletiam sobre as transformações da

¹ LEBRET, Louis; RIOS, Arthur; MODESTO, Helio (coords.). *Aspectos Humanos das Favelas Cariocas*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1960; LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978; MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. A Política na favela. *Cadernos Brasileiros*, ano IX, n. 41, p. 35-47, maio-jun. 1967; PARISSE, Luciano. *Favelas do Rio de Janeiro: Evolução e sentido*. Rio de Janeiro: Cenpha, 1969; PERLMAN, Janice. *O mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

² GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latino-americana”. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 111-133, jun. 2015; DAVIS, Mike Davis. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006; BENMERGUI, Leandro. The Alliance for Progress and housing policy in Rio de Janeiro and Buenos Aires in the 1960s. *Urban History*, n. 36, v. 2, p. 303-326, jun. 2006; GOMES, Gabriela. *Vivienda social en dictaduras - actores, discursos, políticas públicas y usos propagandísticos en las Regiones Metropolitanas de Buenos Aires (1966-1983) y Santiago de Chile (1973-1989)*. 2018. Tesis (Doctorado en Historia) – Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

³ SOUSA, Alberto. *Do mocambo à favela: Recife 1920-1990*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003; SILVA, Maria Lais Pereira da. A favela e o subúrbio: associação e dissociações na expansão suburbana da favela. In: FERNANDES, Nelson da Nóbrega; OLIVEIRA, Márcio Piñon de (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2010; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. “Os trabalhadores favelados”: identificação das favelas e movimentos sociais no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. 2014. Tese (Doutorado em História, Políticas e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

sociedade “tradicional” para “moderna” (“teorias da modernização”), que balizaram o senso comum e as políticas públicas e que foram objeto de debate nas Ciências Sociais.

Ainda que sejam conhecidos os termos das críticas ao “mito da marginalidade urbana”, a historicização da construção desse senso comum, dos regimes de representação nele implícitos e suas implicações políticas e sociais, bem como das relações raciais subjacentes nesses discursos, são processos pouco investigados. O que seria a retórica da marginalidade social e suas diferentes formas de representação? Como tal discurso mediava a representação dos grupos e agentes sociais nas favelas? Quais foram os regimes de visualidade urbana construídos através dessa noção difusa de marginalidade social? A historicização da marginalidade social relaciona-se às formas de representação da pobreza e informalidade urbana nos discursos e práticas das igrejas e suas teologias, do Serviço Social, das prefeituras, dos urbanismos, dos partidos e associativismos políticos, do cinema, dos intelectuais de diversos matizes e nas memórias das diferentes classes e grupos sociais.

O problema da visualidade e cultura visual está em primeiro plano na investigação das retóricas da marginalidade social.⁴ A difusão e a multiplicação das tecnologias de representação da realidade, com o desenvolvimento de linguagens visuais complexas, ocorreram em sincronia com a imaginação do universo das cidades e da pobreza urbana. Na cultura visual, destaco ainda a importância da análise dos registros fotográficos. Ainda que sejam abundantes as fotografias de favelas ao longo do século XX, são poucos os trabalhos que se dedicam exclusivamente a compreensão da função das imagens fotográficas na construção de uma visualidade orientada por significados políticos e sociais específicos. Destacaria dois trabalhos que dialogam com essa perspectiva analítica: a pesquisa de Mauro Amoroso, em *Nunca é tarde para ser feliz*, que compreendeu as séries de fotografias de favelas publicadas no jornal *Correio da Manhã*, sob guarda na Biblioteca Nacional; e a exposição organizada por Cristiane d’Avila, “A favela visível: o olhar fotográfico de Anthony Leeds”, que apresentou parte do arquivo privado de Anthony Leeds que acumulou cerca de 790 fotografias impressas e ampliadas em preto e branco, além de centenas de negativos ao longo de suas investigações de Antropologia urbana.⁵

Nesse artigo, analisamos o fotojornalismo e a construção de regimes de visualidade das favelas cariocas na revista *O Observador Econômico e Financeiro*. A revista foi um dos vetores de socialização na qual a representação das favelas ganhou significado a partir do debate desenvolvimentista sobre a marginalidade social nos anos 1940 e 1950. Ao trabalhar com as

⁴ KNAUS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 151-168, dez. 2008; KNAUS, Paulo. desafio de fazer história com imagens. *ArtCultura*, Uberlândia (SP), v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jul. 2006; ELKINS, James. História da arte e imagens que não são arte. *Revista Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 18, n. 30, maio 2011; ELKINS, James. An introduction to the visual studies that not in This Book. In: ELKINS, James; MCGUIRE, Kristi (eds.). *Theorising Visual Studies*. New York; London: Routledge, 2013; SCHIVINATTO, Iara Lis; COSTA, Eduardo Augusto (orgs.). *Cultura Visual e História*. São Paulo: Pamela, 2013.

⁵ AMOROSO, Mauro. *Nunca é tarde para ser feliz*: a imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã. Curitiba: CRv, 2011; D’AVILA, Cristiane. A favela visível: o olhar fotográfico de Anthony Leeds. *Café História – história feita com cliques*. (Site). Publicado em: 4 fev. 2019. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/favela-visivel-anthony-leeds/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

fotografias no periódico, realizamos dois movimentos analíticos: num primeiro, compreenderemos o projeto editorial e o lugar das fotografias no *O Observador Econômico e Financeiro*; num segundo, selecionamos um corpus reduzido de reportagens em que a favela carioca foi tematizada em artigos e no fotojornalismo. Privilegiamos o recorte temporal de 1942 a 1953, por ser esse o período em que a fotorreportagem ganhou maior espaço na revista, com a contratação do fotógrafo Mozart Alves da Silva.

1. A revista *O Observador Econômico e Financeiro* e a “fotografia documental”

A revista *O Observador Econômico e Financeiro* foi um periódico de circulação nacional. Impresso entre 1936 e 1962, tinha o objetivo de difundir informações e análises sobre a economia e a sociedade. A revista foi fundada pelo empresário e economista Valentim Rebouças e teve forte influência nos discursos desenvolvimentistas. Assim, a industrialização, a complexificação da economia, as estratégias de planejamento estatal, os contrastes entre o mundo rural e urbano e o nacionalismo ganharam expressão e agenda no periódico.

O “fundador” da revista se destacou na articulação do projeto desenvolvimentista nos anos 1930 e 1940. Valentim Rebouças, proprietário e editor, formou-se na academia de comércio de Santos, sua cidade natal, e foi empresário e economista de formação autodidata. Representante da International Business Machine Corporation (IBM), desde 1917, e fundador da Companhia Serviços Hollerith, prestou serviços e forneceu equipamentos para os órgãos governamentais no Brasil. Na década de 1930, foi próximo do governo de Getúlio Vargas, e integrou a Comissão de Estudos Financeiros e Econômicos dos Estados e Municípios, a Coordenação da Dívida Externa Brasileira e algumas comissões oficiais no exterior. Em 1937, tornou-se secretário-técnico do Conselho Técnico de Economia e Finanças na gestão do Ministério da Fazenda de Arthur de Souza Costa (1934-1945).⁶

Empresário e intelectual, destacou-se como agente do projeto nacionalista de defesa da centralização e racionalização do poder estatal, da industrialização e modernização de diferentes setores da economia, e da ascensão do discurso “técnico” sobre o “político” na conjuntura autoritária após a Revolução de 1930 e durante o Estado Novo (1937-1945). Para viabilizar sua revista, Valentim Rebouças conseguiu o apoio de Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).⁷ O regime autoritário de Getúlio Vargas institucionalizou a censura e fomentou uma série de revistas e publicações que tinham em vista a difusão de um discurso nacionalista sobre a “realidade brasileira” e a construção de uma pedagogia cívica para educar e formar a cultura do “povo brasileiro”.

⁶ CORREA, Maria Letícia. Um estudo sobre o debate desenvolvimentista nas páginas de *Observador Econômico e Financeiro* (1936-1954). *Anais do [...] XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Paulo: ANPUH, jul. 2011.

⁷ *Ibidem*, p. 1.

A revista, contudo, teve uma circulação que ultrapassou o regime autoritário. *O Observador Econômico e Financeiro* teve periodicidade regular e mensal entre 1936 e 1962. A perenidade e o reconhecimento na imprensa de massa podem ser percebidos pela referência ao título do periódico em expressão reduzida: o “*Observador*” ou o “*Observador Econômico*” para se referir a uma reportagem ou alguma análise publicada na revista. Além do relacionamento com as autoridades públicas, que pagavam por reportagens na revista, os editores da publicação mantiveram uma relação prioritária com os empresários. Estes anunciavam no periódico que se apresentava como porta voz dos setores modernos da economia. Várias reportagens e análises da revista eram direcionadas para esses empresários, assumindo pontos de vistas e controvérsias desses agentes sociais no debate sobre o desenvolvimentismo.

Num período em que os projetos editoriais de revistas mensais eram arriscados, pelos custos do empreendimento e pelos riscos de não se constituir uma comunidade de leitores, a perenidade de *O Observador Econômico e Financeiro* se explica ainda pelas adaptações às dinâmicas do mercado editorial. Após os anos 1930, a sociedade brasileira experimentou o crescimento e a segmentação do mercado de revistas com a expansão da escolarização, da urbanização e das políticas públicas de leitura e do livro fomentadas pelo Ministério da Educação e Saúde.⁸ *O Observador Econômico* tinha como público os empresários e as classes médias educadas, interessadas em análises e discursos especializados sobre a relação entre a economia e sociedade. Parte da publicação era dedicada à análise da economia e um outro conjunto de reportagens diversificadas tratavam da “realidade brasileira” a partir das análises de especialistas – deixava claro nos editoriais que esses “eram responsáveis pelas opiniões ali emitidas”.⁹

A revista participou da complexificação do campo intelectual, com o aumento das classes médias educadas, de setores da burocracia de estado e do mercado de profissões liberais.¹⁰ Na apresentação do expediente da revista, afirmava-se a “colaboração permanente das figuras mais destacadas da Economia, Finanças e Ciências Sociais do Brasil e do estrangeiro, e constante interesse por todos os assuntos que se relacionam com a vida nacional”.¹¹ Sendo uma revista de análise social e econômica, contou com a participação de intelectuais como Arthur Ramos, Caio Prado Júnior, Pedro Calmon, Sérgio Buarque de Holanda, Donald Pierson, Sérgio Millet e outros intelectuais das Ciências Sociais e Econômicas. Os técnicos estatais envolvidos no debate sobre a modernização da economia também tiveram destaque. É possível ver na revista uma renovação do corpo de “colaboradores” ao longo do tempo, tentando construir um espaço para a opinião de “técnicos” e especialistas sobre temas da “vida nacional”.

⁸ LUCA, Tania Regina de. *Lituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Cultura. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *História do Brasil Nação*. Vol. 4: Olhando para dentro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

⁹ *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, *passim*.

¹⁰ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹¹ Expediente. *Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 167, p. 4, dez. 1949.

A incorporação das fotografias como parte das narrativas jornalísticas e noticiosas do periódico acompanhou a modernização do projeto gráfico da revista, tendo em vista a atração de mais anunciantes. Entre 1936 e início de 1937, predominavam gráficos e tabelas no corpo das reportagens. A capa era padronizada: um globo terrestre destacando o contorno cartográfico do Brasil na América do Sul. A partir de fevereiro de 1937, a capa passou a destacar a fotografia de um tema da economia e sociedade abordado no interior da revista. As imagens fotográficas passaram a ter mais presença na composição de propagandas e reportagens, ilustrando aspectos abordados pelos autores. Na década de 1940, o número de fotografias acompanhando as reportagens aumenta em quantidade e o tratamento dado a mesma também é alterado. No final do ano de 1942, o expediente da revista passou a contar com o trabalho do fotógrafo Mozart Alves da Silva; a revista passou a identificar a autoria das fotografias nos dois anos seguintes, destacando o nome do fotógrafo ou sua proveniência institucional.¹²

Na abertura de *O Observador Econômico e Financeiro*, entre 1943 e 1950, destacava-se que o periódico era “impresso na empresa gráfica ‘O CRUZEIRO’ S.A.”.¹³ A revista ilustrada, fundada em 1928 e adquirida por Assis Chateaubriand, tornou-se modelo nacional para a produção de fotorreportagens e incorporava as inovações de maquinário na impressão em rotogravuras em cores. Na renovação gráfica de *O Cruzeiro* em 1940, Frederico Chateaubriand contratou Jean Manzon que participou da reformulação da paginação, da estrutura das fotorreportagens e da ampliação do departamento fotografia. Seguiu o modelo e as experiências internacionais das revistas americanas *Life* e *Match* e da francesa *Vu*, um dos marcos globais da cultura de massa. Se na década de 1930 a tiragem média nacional de *O Cruzeiro* era de 17 mil exemplares, em 1942 foram 48 mil, e em 1949 300 mil, com várias revistas que se esgotavam no primeiro dia de venda nas bancas.¹⁴ *O Cruzeiro* impactou o mercado editorial de revistas, criando um padrão de negócio que envolvia qualidade gráfica e captação de anunciantes. Estabeleceu um novo patamar para a indústria cultural no Brasil, na qual a capacidade de atrair anunciantes tornava-se central para a sobrevivência dos periódicos. *O Observador Econômico e Financeiro*, assim como outras revistas do período, tentavam se aproximar dos padrões de publicação de *O Cruzeiro*.

Contudo, havia diferenças significativas entre *O Cruzeiro* e o *Observador*. O objetivo da publicação e seu público eram diferentes: enquanto a primeira revista abordava fatos diversos, dirigindo-se ao público amplo, a segunda era voltada para as frações modernas dos empresários e classes médias educadas, com um jornalismo voltado para a economia. O espaço das fotografias no *Observador Financeiro* era menor, sendo elas ilustrativa dos textos e artigos escritos por especialistas, enquanto em *O Cruzeiro* as imagens tomavam conta da

¹² Essa análise foi feita a partir da consulta dos exemplares na Hemeroteca da Biblioteca Nacional entre 1936 e 1962, destacando a capa, apresentação e o “Expediente” da revista.

¹³ *Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 4, fev. 1943.

¹⁴ COSTA, Heloíse. Entre o local e o global: a invenção da revista *O Cruzeiro*. In: COSTA, Heloíse; BURGI, Sérgio (orgs.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre o Cruzeiro (1940-1960)*. Rio de Janeiro: IMS, 2012, p. 20-28.

página inteira, em alguns casos não havia texto, e se formavam duplas de fotógrafos e repórteres em que, em muitos casos, o primeiro tinha autonomia e mais relevância que o segundo.¹⁵ O departamento de fotografia de *O Cruzeiro* cresceu em número de profissionais, importância e autonomia com as inovações de Jean Manzon em 1940; no *Observador Econômico*, Mozart Alves foi o único responsável pelo setor, sendo despedido na reforma editorial de 1953, quando a quantidade de páginas foi reduzida e o número de fotografias também. Este tinha pouca autonomia.

Mozart Alves da Silva era brasileiro, casado, morava no bairro de Santa Tereza, e declarava como profissão fotógrafo, prestando o serviço na imprensa carioca. Na década de 1950, chegou a presidir a Associação dos Repórteres Fotográficos do Rio de Janeiro e a assinar manifestos em favor da liberdade de imprensa e da ação dos fotógrafos no espaço público.¹⁶ Nas fotorreportagens do *Observador Econômico e Financeiro*, as imagens eram selecionadas pelos editores em diálogo com o texto do especialista, e as legendas frisavam os “flagrantes” fotográficos da realidade. No período, a maioria dos fotógrafos não tinha autonomia em relação aos editores para selecionar as fotografias que seriam publicadas e compor as narrativas jornalísticas, sendo essa uma posição alcançada por poucos profissionais. O *Observador Financeiro e Econômico* não era diferente em relação a essa configuração social dominante; todavia, as legendas das fotorreportagens sugerem em várias ocasiões que eram compostas e escritas pelo fotógrafo da revista, como se vera adiante na análise das fotorreportagens sobre as favelas.

As diferenças do *Observador Financeiro e Econômico* em relação à revista *O Cruzeiro* qualificavam lugares distintos para a circulação das fotografias e o *status* dos fotógrafos nos periódicos, mas também evidenciam o compartilhamento de um paradigma de representação difuso que ganhou a expressão em diferentes registros e projetos fotográficos: a “fotografia documental”. No entreguerras, a expansão e aperfeiçoamento da impressão em rotogravura, permitindo inovações no mercado editorial e de propaganda no uso de imagens em jornais e revistas, as novas das técnicas da fotografia (difundindo nos usos das máquinas de regulagem rápida, como Leica e Rolleiflex, e de “filmes” mais sensíveis a luz) com o aperfeiçoamento dos “instantâneos” ao ar livre, a criação de vanguardas artísticas que usavam a fotografia como instauradora de um novo modo de ver, o surgimento do cinema documental, e o projeto de uma enciclopédia fotográfica da vida econômica e social americana pela Farm Security Administration nos Estados Unidos, favoreceram a renovação das práticas e consumo de fotografias.¹⁷ Consolidava-se uma noção difusa de “fotografia documental”, em que

¹⁵ A comparação com a revista *O Cruzeiro* foi realizada a partir das análises de: COSTA, Heloíse; BURGI, Sérgio (orgs.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre o Cruzeiro (1940-1960)*. Rio de Janeiro: IMS, 2012.

¹⁶ As informações foram retiradas a partir da consulta de dois registros, cf.: BRASIL. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1948, Seção I, p. 313; Protesto da Associação dos Repórteres Fotográficos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 maio 1954, Seção I, p. 14.

¹⁷ BAURET, Gabriel. *A fotografia: História – Estilos – Tendências – Aplicações*. Lisboa: Edições 70, 1992; LEDO, Margarita. *Documentalismo fotográfico*. Madri: Catedra - Signo e imagen, 1998; COELHO, Maria Beatriz. *Imagens da nação: brasileiros na fotodocumentação 1940 até o final do século XXI*. Belo Horizonte; São Paulo: UFMG; EdUSP; Imprensa Oficial do Estado de SP, 2012; COSTA, Heloíse; BURGI,

a concepção do “documental” é vacilante, porque em diferentes contextos de produção e endereçamento das fotografias produzidas ela corresponde a intenções distintas. O significado chega a ser paradoxal, tendo em vista que institui como ideal genuinamente artístico o uso da câmera de uma maneira direta, pura, colocando como valor criativo o apagamento do sujeito por traz do aparato.¹⁸

A noção de “fotografia documental” foi diversa em relação aos contextos e públicos em que se relacionava e formou-se a partir das práticas de produção e consumo de imagens na segunda metade do século XIX e início do XX. Nesse processo que acompanhou a ascensão da sociedade industrial, o valor indicial de rastro do real e a crença da fotografia como “documento” foram enfatizados em práticas de repórteres, cientistas naturais e sociais, agentes poder público, entre outros atores sociais. A possibilidade de produzir um registro em “série”, a valorização do “instantâneo”, e a possibilidade de representação de aspectos expressivos e dramáticos do mundo social e natural permitiram a conformação de diferentes retóricas sobre a ciência e o mundo social.¹⁹ No caso do *Observador Financeiro e Econômico*, o uso da fotografia servia para dar sentido às análises do desenvolvimento econômico brasileiro. As reportagens do periódico ofereciam leituras e interpretações de especialistas dos dados estatísticos do governo e as fotografias, publicadas em séries, registravam o que seriam os “flagrantes” dessa realidade econômica e social.

No Brasil, o uso da fotografia documental como arquivo da comunidade nacional imaginada e da modernização do país esteve implícito nas políticas do olhar fomentadas pelo Estado após-1930. Ao analisar o fotodocumentarismo entre 1940 e 1950, Maria Beatriz Coelho registrou que a “partir da Revolução de 1930 a situação dos fotógrafos no Brasil foi alterada”.²⁰ A expansão da máquina burocrática e seu intenso trabalho de documentar ao que seria o caráter nacional fomentaram atividades de fotógrafos em diferentes segmentos de atividade pública. O *Observador Econômico* acompanhou de perto essas transformações do mercado de profissões para os fotógrafos e dialogava com os trabalhos dos intelectuais de estado e com a crença de que o planejamento da ação do poder público transformaria a realidade nacional.

3. As favelas nas fotografias e reportagens de *O Observador Econômico e Financeiro*

As favelas constituem formações urbanas marcadas pelo processo de estigmatização e segregação socioeconômica de parcela da força de trabalho e são atravessadas pelas articulações de espacialidades diversas que particularizam as localidades identificadas com tal

Sérgio (orgs.). *As origens do fotojornalismo... Op. cit.*; COSTA, Heloise. Entre o local... *Op. cit.*; COSTA, Heloise. Surpresa objetiva: novos modos de ver nas revistas ilustradas modernas. In: SAIMAN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas: Unicamp, 2012; JOHNSON, Willian S.; RICE, Mark; WILLIAMS, Carla (orgs.). *História de la fotografía: de la 1839 a la actualidad*. Nova York: Taschen, 2015; WANDERLEI, Ludmila Carvalho. *O trabalhador na fotografia documental*. Curitiba: Apris, 2018.

¹⁸ WANDERLEI, Ludmila Carvalho. *O trabalhador na fotografia... Op. cit.*, p. 33.

¹⁹ LEDO, Margarita. *Documentalismo fotográfico*. *Op. cit.*, p. 35-39; WANDERLEI, Ludmila Carvalho. *O trabalhador na fotografia... Op. cit.*, p. 28-33.

²⁰ COELHO, Maria Beatriz. *Imagens da nação... Op. cit.*, p.38.

topônimo. Ainda que constituam formas urbanas heterogêneas, ao longo do século XX observa-se a elaboração da representação social da pobreza urbana associado ao vocábulo e signo. Nesse sentido, a palavra “favela” grafada como substantivo comum para designar a pobreza urbana foi uma invenção do início do século XX, e substituiu na imaginação social o lugar ideológico que os cortiços ocupavam no século XIX. O debate sobre o “problema das favelas” modularam diferentes saberes e regimes de representação desse território, sendo os intelectuais associados à Economia um dos agentes dessa discussão.²¹ A revista *O Observador Econômico e Financeiro* foi um dos vetores de socialização da imagem da favela em que o significado dessa representação social ganhou sentido no debate desenvolvimentista sobre a marginalidade social nos anos 1940 e 1950.

O tema das favelas foi apresentado num conjunto variado de reportagens ao longo da história da revista, nem sempre acompanhado por imagens fotográficas. Abaixo apresento uma tabela em que destaco o ano de publicação das reportagens, os títulos, o número de fotografias, e uma possível tipologia a partir da análise inicial das imagens. A tabela traça uma topografia da representação da favela no periódico em conjunturas sociais e políticas distintas. As tipologias de imagens identificam os “clichês” das favelas na cultura visual que foram reproduzidos em variados contextos jornalísticos do debate desenvolvimentista.

Tabela 1 – A representação da favela na revista *O Observador Econômico e Financeiro*.

Ano	Título	N.º total / N.º de fotografias com foco nas favelas	Tipologia de imagens relacionadas às favelas – quantidade de fotografias
1942	“Observações Municipais – A Cidade e as Favelas”	0/0	
1943	“Observações Municipais – Casas proletárias em substituição às favelas”	0/0	
1945	“Locação de imóveis”	15/7	“Barracos” e cotidiano - 3 “Soluções” do problema da favela - 1 Tipos de Moradores - 3 Contraste favela/cidade - 0
1947	“Homens e Casas – O problema do mundo agravado no Rio”	13/3	“Barracos” e cotidiano - 2 “Soluções” do problema da favela - 0 Tipos de Moradores - 0 Contraste favela/cidade - 1
1948	“Jovens na Economia Nacional”	7/1	“Barracos” e cotidiano - 0 “Soluções” do problema da favela - 0 Tipos de Moradores - 1 Contraste favela/cidade - 0
1949	“A face dramática da cidade”	14/14	“Barracos” e cotidiano - 4 “Soluções” do problema da favela - 1 Tipos de Moradores - 7 Contraste favela/cidade - 2

²¹ ABREU, Maurício de Almeida. Reconstruire une histoire oubliée. Origine e expantion initiale des favelas de Rio de Janeiro. *Gênese*, Paris, n. 18, p. 45-68, juin 1994; VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005; MATTOS, Romulo Costa. *Pelos Pobres!* Campanhas pela construção de habitações populares e discursos sobre as favelas na Primeira República. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2008; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. *Op cit.*, 2014.

Ano	Título	N.º total / N.º de fotografias com foco nas favelas	Tipologia de imagens relacionadas às favelas – quantidade de fotografias
1951	“O Censo Retrata as Favelas”	25/25	“Barracos” e cotidiano – 10 “Soluções” do problema da favela – 1 Tipos de Moradores – 10 Contraste favela/cidade – 4
1956	“Favelas Cariocas – Problema à espera de solução”	6/6	“Barracos” e cotidiano – 2 “Soluções” do problema da favela – 1 Tipos de Moradores – 2 Contraste favela/cidade – 1

Fonte: *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, 1936-1962.²²

Analisando o quadro, compreende-se que as fotorreportagens tematizando as favelas acompanharam a divulgação dos dados estatísticos e demográficos sobre a economia e a sociedade brasileira e carioca. Quando as notícias não eram relacionadas com a divulgação de dados estatísticos, elas não foram acompanhadas de fotografias.

Haviam fotorreportagens em que as favelas foram apresentadas como uma metáfora dos problemas do desenvolvimento econômico. Ao debater a situação dos jovens na economia nacional e a evolução do mercado imobiliário a partir do censo de 1940 e da estatística predial de algumas cidades em três reportagens (“Jovens na Economia Nacional”, “Homens e casas” e “Locação de Imóveis”), as imagens das favelas eram tomadas como metáforas dos “problemas” da formação da força de trabalho e das condições moradia no capitalismo. Em outras duas reportagens abordaram-se diretamente às favelas e a totalidade das imagens fotográficas relacionava-se com a questão da pobreza urbana no desenvolvimento urbano e industrial do Rio de Janeiro. Divulgadas como “furos jornalísticos”, essas duas reportagens antecipavam e davam visibilidade aos censos de favelas realizados em 1949 pela Prefeitura do Distrito Federal e em 1950 pelo Serviço Nacional de Estatística. A maior parte das fotografias de favelas do *O Observador Econômico e Financeiro* reforçava o discurso estatístico como uma representação neutra, uma transparência da realidade econômica e social.

Em 1956, as imagens da reportagem “Favelas Cariocas – O problema à Espera de Solução” reproduziu as fotografias tiradas em outras conjuntura, pelo fato da revista *Observador Econômico* não ter um fotógrafo contratado em seu expediente. A repetição de fotografias ocorreu nessa reportagem e de forma reduzida em outras. Ainda que fossem

²² A tabela foi elaborada a partir da consulta dos índices do periódico entre 1936 e 1962 e da busca digital do termo “favela” na plataforma da *Hemeroteca Digital*. Os “Títulos” mencionadas são, respectivamente: Observações Municipais - As cidades e as favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 116, jun. 1942; Observações Municipais – Casas Proletárias em substituição às favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 182, abr. 1943; Locação de Imóveis. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 119, p. 66-81, dez. 1945; Homens e Casas – O Problema do Mundo agravado no Rio. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947; Jovens na Economia Nacional. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 71-83, mar. 1948; A face dramática da cidade. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 161, p. 20-32, jun. 1949; O censo retrata as favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 191, p. 68-82, dez. 1951; Favelas cariocas – Problema à espera de solução. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 243, p. 28-35, maio 1956.

extemporâneas aos fatos apresentados nas notícias, essas fotografias eram apresentadas como um “flagrante” do presente das reportagens, um registro “imediató” da atualidade. As imagens reproduzidas em mais de uma notícia representavam também uma síntese do olhar construído pelas fotorreportagens. Longe de serem uma transparência do real, as imagens fotográficas eram resultado de escolhas de enquadramento e composições jornalísticas que ganhavam significados diversos na relação com as legendas e as notícias.

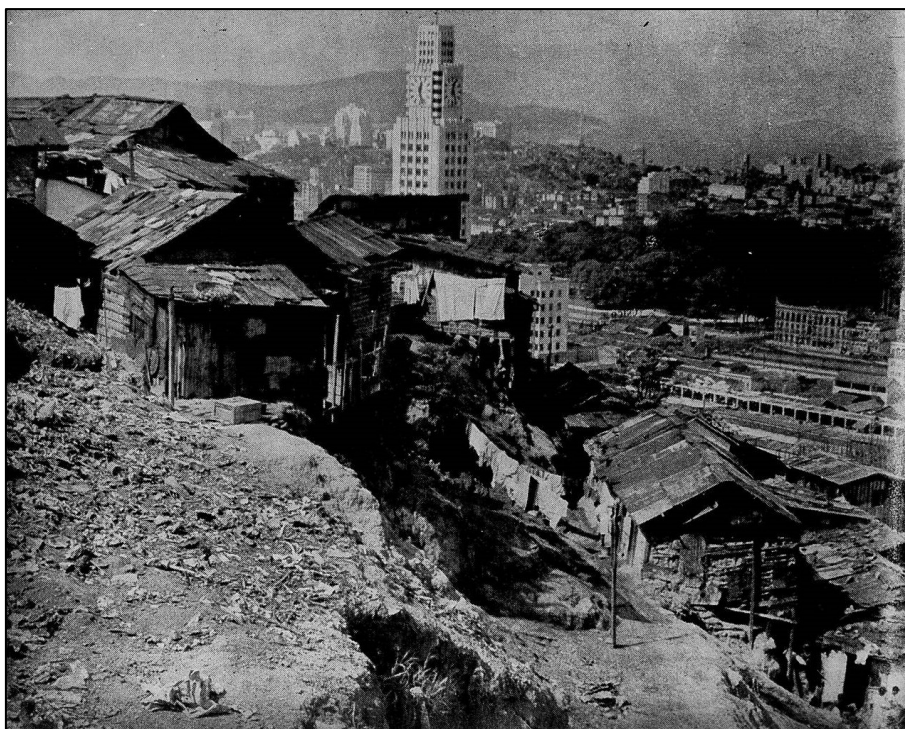
Dois aspectos sobressaem na retórica construída pelas fotorreportagens sobre as favelas: primeiro, com exceção do Morro da Favela, prevaleceu a não identificação das localidades retratadas, homogeneizando espaços urbanos de formações distintas; segundo, estabeleceu um olhar que captou o cotidiano dos moradores de favelas a partir dos contrastes da pobreza urbana no cenário de “melhoramentos” urbanos promovidos no desenvolvimento urbano-industrial. Sendo uma revista publicada para empresários e classes médias, as imagens das favelas reforçavam um discurso heterotópico, reafirmando a ideia de um desenvolvimento urbano e social que contrastava o padrão de vida das classes médias com o do “morro”, compondo a dualidade “favela” / “asfalto” que atravessou diferentes discursos públicos do período.

Havia um conjunto de fotografias que serviam especialmente para o objetivo de representar o contraste entre “morro” e “asfalto”, pois mostravam a oposição entre as transformações da modernização urbana do Rio de Janeiro e o crescimento da pobreza. A imagem abaixo (**Figura 1**) foi reproduzida em duas reportagens e citada de forma indireta em outras fotos, sendo simbólica do discurso visual dos contrastes entre a favela e cidade na revista *O Observador Econômico e Financeiro*. No primeiro plano, as casas construídas com vários materiais (madeira, zinco, papelão etc.), os varais de roupa e becos, e no segundo plano o prédio da torre do relógio da Central do Brasil, a estação ferroviária, a Praça da República e variados edifícios. Essa imagem contrastava o “rústico” com o “moderno”, destacando principalmente a torre do relógio inaugurada em 1943, construída em estilo *Art Decó*, um dos marcos da intervenção urbanística da cidade feita pelo prefeito Henrique Dodsworth com a abertura da avenida Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

A repetição da imagem em reportagens distintas tinha como efeito reforçar o “mito” da primeira favela do Brasil a partir da referência simbólica do Morro da Favela, como a “legítima” e o “primeiro capítulo” do “problema” que se generalizaria para a cidade. Segundo Valladares, o topônimo “favela”, utilizado pelos soldados que retornaram de Canudos e ocuparam o referido morro, ganhou diferentes conotações na imprensa e esfera pública, criando homologias entre as habitações e vida nos morros e as descrições dos sertanejos feitas em *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Esses parâmetros discursivos eram reproduzidos e construíram um mito fundacional para a favela carioca.²³ A fotografia retomava esse mito da favela, mas atribuía significados distintos elaborados a partir do contraste entre o moderno e o “rústico” no desenvolvimento urbano-industrial brasileiro.

²³ VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela... Op. cit.*, p. 28-36.

Figura 1 – Fotografia do Morro da Favela.



Fonte: SILVA, Mozart Alves da. [Fotografia da Favela]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947, p. 52. Impressão rotogravura.

A fotografia foi publicada pela primeira vez em 1947, na reportagem que abordava os “Homens e Casas” no Brasil. A expansão das favelas cariocas aparecia como efeito da incapacidade de planejamento econômico do Estado e da forma de atuação dos agentes do mercado imobiliário na produção de unidades residenciais. A reportagem dialogava com outra reportagem “Locação de Imóveis”, publicada em 1945, que analisava o censo predial do Distrito Federal, a situação econômica no contexto da II Guerra Mundial, a generalização da alta do custo de vida e crise imobiliária no Brasil. As imagens do Rio de Janeiro, então Capital Federal, serviam de metáfora para falar da situação nacional. A legenda da fotografia reforçava o argumento de que a crise imobiliária como causa da expansão das favelas:

Aspecto gritante do problema da habitação no Rio de hoje é a conquista do morro pelos barracos. Favela e São Diogo ficaram para trás. Todos os morros da cidade ganharam habitações. Do censo predial de 40 consta a existência de 53.598 prédios rústicos e 4.550 de outros tipos. Em que classificação se enquadram estes?²⁴

A legenda da reportagem pedia a observação do leitor para a relação entre os dados econômicos e a realidade fotografada. O Morro da Favela é tomado aqui como uma referência histórica e fundacional da primeira favela. Num contexto de crise econômica causada pelo

²⁴ Homens e Casas – O Problema do Mundo agravado no Rio. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947, p. 52.

“esforço de guerra” e pela política do Estado Novo, a favela era apresentada como um “problema” que permanecia e se expandia para outras realidades. Além disso, a reportagem enfocava no censo predial, e sublinhava-se o contraste entre as favelas subindo os morros e a verticalização da cidade. O fundo da imagem destacava esse aspecto, com a topografia da cidade alterada pela construção de altos edifícios. Esse aspecto era frisado pela composição da página da revista: ao lado da fotografia do Morro da Favela, havia uma fotografia de Copacabana. Na legenda, a descrição da imagem: “Crescimento Vertical. A evolução predial do Rio de Janeiro é de fato surpreendente. Verifica-se em dois sentidos: horizontal e vertical. Copacabana, a inigualável, é um exemplo de crescimento vertical. A fotografia nos dá uma ideia expressiva de como se cresceu para o alto”.²⁵

Figura 2 – Fotografia da orla de Copacabana.



Fonte: SILVA, Mozart Alves da. [Orla de Copacabana]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947, p. 53. Impressão rotogravura.

A fotografia de Copacabana, com o destaque para os banhistas e os esportes praticados na orla, o calçadão em ondas e os transeuntes, a avenida e os carros, margeados por um conjunto de prédios, apresentava o bairro visto como sinônimo de modernidade e dos hábitos distintos da “zona sul” em contraste com o pauperismo das favelas. Ao colocar essas imagens em sequência, construía-se uma narrativa das desigualdades na modernização que o Rio de Janeiro. Esse contraste entre o estilo de vida das classes médias e dos moradores de favelas esteve presente direta e indiretamente nas 22 fotografias publicadas que agrupamos na

²⁵ Homens e Casas – O Problema do Mundo agravado no Rio. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947, p. 53.

tipologia “barracos” e cotidiano. O “barraco” e sua precariedade estavam presentes no primeiro ou segundo plano dessas fotografias, para destacar a “rusticidade” em meio à industrialização e a mudança de padrão de vida experimentado por outros grupos sociais.

Nessas imagens, o fotógrafo assumia uma atitude *voyerista* em relação à pobreza urbana, num gesto de intromissão e violência no cotidiano dos moradores das favelas, as imagens demandavam a atenção dos leitores empresariais e das classes médias para as ausências de “melhoramentos” urbanísticos das favelas. O contraste entre o que era tomado como sinônimo de urbanizado e urbanidade para as classes médias e as “ausências” nas favelas foi explorado de forma sensacionalista: apresentavam-se as diferentes situações do que seria a precariedade do padrão de vida e a “ausência” do conforto na vida privada das favelas. Na sequência de fotografias abaixo (**Figura 3** e **Figura 4**), tem-se a forma extrema desse discurso, contrastando o interior de um “barraco” e um banheiro. A legenda explicitava: “flagrante colhido em pleno centro da cidade: uma família abriga uma miscelânea de coisas, desde lata velha e cartazes de propaganda eleitoral, até jacás. Em baixo, banheiro típico de uma residência de classe média”.²⁶ A mulher e a criança no interior do barraco aparecem encobertas, pela sombra e pela imagem desfocada. A presença humana na fotografia, sugerida e não identificada, com uma criança que interpela o observador, reforça o caráter vergonhoso e “desumano” da desigualdade.

Figura 3 – Fotografias em sequência do cotidiano da favela e classe média (1).



Fonte: SILVA, Mozart Alves da. [Interior de “barraco”]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 119, p. 66-81, dez. 1945, p. 79. Impressão rotogravura.

²⁶ Locação de Imóveis. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 119, p. 66-81, dez. 1945, p. 79.

Figura 4 – Fotografias em sequência do cotidiano da favela e classe média (2).



Fonte: SILVA, Mozart Alves da. [Banheiro típico de classe média]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 119, p. 66-81, dez. 1945, p. 79. Impressão rotogravura.

A fotografia do Morro da Favela (**Figura 1**) foi publicada pela segunda vez em 1949, na reportagem "A Face dramática da cidade" que analisava os dados do censo de favelas elaborados pela Prefeitura do Distrito Federal. Na legenda, enquadrava-se a intenção do repórter fotográfico: "Esse é o legítimo, o Morro da Favela, o primeiro capítulo, aquele que foi chamado - Favela dos meus amores..."²⁷ A fotografia e legenda estavam no início da reportagem, logo após a primeira página que ironizava o romantismo dos sambistas e de parcela dos intelectuais frente às favelas. Dialogava com a legenda de duas fotografias do morro e de seu cotidiano que abriam a reportagem e faziam o *release* da notícia:

Foi feito um censo mais ou menos rigoroso nas cento e cinco favelas da Cidade Maravilhosa. Os resultados apurados são de estarrecer. Aqui vão eles descritos nesta reportagem, onde se preferiu a frieza dos números à apresentação lírica da vida miserável de 7% da população do Rio de Janeiro. Sim mais de 300 mil pessoas vivem nas condições que nos evocam as duas fotos.²⁸

Como vimos, a fotografia reforçava o mito da favela a partir do contraste entre o moderno e tradicional, em relação às transformações urbanísticas e sociais ocorridas na década de 1940. Agora, esse contraste era mediado pelo discurso de especialistas que

²⁷ A face dramática da cidade. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 161, p. 20-32, jun. 1949, p. 25.

²⁸ *Ibidem*, p. 21.

abordavam a favela a partir do debate da industrialização brasileira. Na reportagem reproduzia-se a leitura do censo, de que as favelas eram resultado da “Revolução Industrial”, que se podia observar em outras partes do mundo, onde o deslocamento continuado das “zonas rurícolas em processo de estagnação, ou de decadência” para o espaço urbano industrial; e no Distrito Federal, “os núcleos de população empobrecida se instalaram preferencialmente nos morros de acesso penoso, incrustado nos bairros de maior atividade”. As favelas tornavam-se um aspecto do crescimento desordenado provocado pelo capitalismo industrial e o inchaço das cidades em função da concentração da força de trabalho.

Em 1951, na reportagem “O Censo Retrata as Favelas” encontraríamos outra imagem (**Figura 5**) que também faz referência ao mito da favela e ao debate sobre o desenvolvimento industrial e o crescimento das favelas. Agora, priorizava-se não só o registro histórico do que foi a primeira favela, mas também o movimento do porto e o cenário das fábricas, galpões e indústrias que se instalavam na proximidade da região. A retórica das transformações urbano-industriais e a dinâmica do crescimento econômico enfatizados pelos censos de 1949 e 1950 levaram a escolha de outra imagem do que seria o símbolo histórico da origem das favelas no Rio de Janeiro, em diálogo com esse discurso especialista que se afastava do “lirismo” e se dizia mais objetivo em relação à realidade.

Figura 5 – Morro da Favela.



Fonte: SILVA, Mozart Alves da. [Morro da Favela]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 191, dez. 1951, p. 76. Impressão rotogravura.

Os censos das favelas de 1949 e 1951 direcionaram o olhar das fotorreportagens para dois aspectos: as diferentes formas urbanas das favelas no Rio de Janeiro e para os tipos

humanos que a habitavam. No que toca ao primeiro aspecto, as imagens fotografadas enfatizavam as diferentes localidades da cidade onde surgiam as favelas: as favelas ao longo da linha do trem, em proximidades a bairros residenciais e as favelas construídas em palafitas na Baía de Guanabara. As fotorreportagens, assim como os censos, evidenciaram a quantidade e as diferentes localizações das favelas no espaço urbano. Em relação aos tipos humanos, reforçava-se a dualidade entre a favela e a cidade, enfocando principalmente os tipos marginais ao mercado de trabalho formal: os “malandros”, as crianças ou os “meninos de rua”, as “lavadeiras”, e os “donos de birosca”. Ainda que os censos mostrassem os diferentes tipos de trabalhadores e a presença da força de trabalho em vários segmentos da economia, prevalecia um recorte visual do *Observador Econômico* em que os moradores das favelas eram vistos como “marginais sociais”.

A imagens de tipos sociais e as reportagens não identificavam as pessoas nas favelas ou mesmo o registro da fala dos moradores. Prevalecia as estereotípias da pobreza e das classes perigosas, sendo que uma das marcas expressivas desse discurso de exclusão era a racialização dos tipos retratados. Dos cerca de 23 tipos humanos publicados prevalece em cerca de 19 a cor preta e parda. A imagem abaixo (**Figura 6**) foi reproduzida em mais de uma reportagem. Na primeira reportagem intitulada “Os Jovens na Economia Nacional”, abordava-se a presença de jovens como parte da população economicamente ativa e a importância do ensino para qualificar a juventude e força de trabalho do país. A legenda deixava claro o direcionamento do olhar para os tipos marginais nas páginas do *Observador Econômico*:

Não há necessidade de qualquer espécie de artifício a fim de que um fotógrafo consiga repetir o conjunto da primeira fotografia. A qualquer hora do dia, numa favela qualquer, os garotos aparecem aos bandos. Não frequenta escola, quase sempre e, como é natural, não há grande distância entre a vadiagem e a criminalidade precoce.²⁹

A relação entre a juventude brasileira e o mercado de trabalho era vista a partir do Censo de 1940. Neste indicava-se que significativa parcela da população brasileira tinha entre 10 e 19 anos e que, ao contrário da legislação trabalhista que condenava o trabalho do menor de 14 anos e estabelecia condições específicas para o exercício da atividade laboral a partir dessa faixa etária, a inserção dos jovens do sexo masculino dessa faixa etária em algumas “atividade econômica” era uma tendência. O censo de 1940 contabilizou os brasileiros entre 10 e 19 anos como parte da população economicamente ativa, pela presença dessa parcela da população no mercado de trabalho, pelo fato do Brasil ser uma população composta por “jovens”, e pelo intento da estatística de retratar a realidade nacional. Essa posição do recorte estatístico e essa tendência demográfica da inserção do jovem na força de trabalho era bem vista pela reportagem.

A série de imagens das fotografias na reportagem “Jovens na Economia Nacional” mostrava a presença de meninos de 10 a 19 anos em várias situações de trabalho. Não há fotografia de “meninas”, reforçando o consenso sexista de que estas inseriam-se na vida

²⁹ Os Jovens na Economia Nacional. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 71-83, mar. 1948, p. 74.

familiar, não se classificava o trabalho doméstico como parte do conjunto da economia e desconsiderava parcela significativa da população de trabalhadoras. Enfatizava-se também a situação de “abandono” da educação e da política de assistência ao menor, o que justificava a precariedade do destino dos “meninos” no mercado de trabalho. Nesse quadro, os jovens nas favelas eram vistos como em situação de abandono, identificados como “vadios” e “criminosos” em potencial.

Figura 6 – Fotografia de jovens em uma favela.



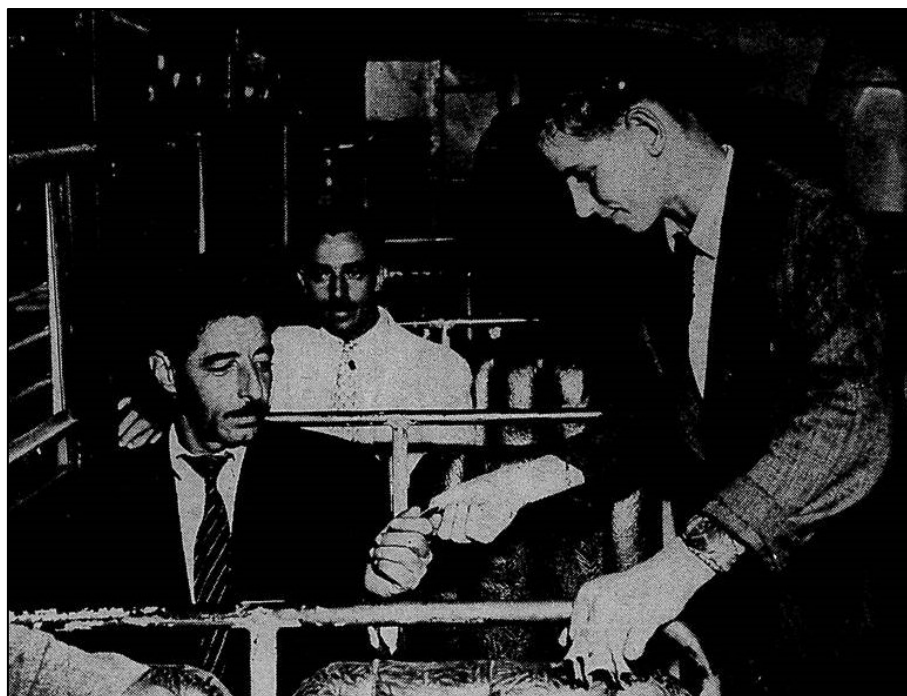
Fonte: SILVA, Mozart Alves da. [Crianças e Adolescentes nas favelas]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 71-83, mar. 1948, p. 75. Impressão rotogravura.

Ainda que se afirme a naturalidade da imagem, em que não haveria “qualquer espécie de artífice a fim de quem um fotógrafo consiga repetir o conjunto da primeira fotografia”, a foto foi posada. A reunião de várias crianças e jovens numa favela, que olham para o observador e fazem poses diversas com o fundo de barracos, foi algo combinado. Nessa composição, dos treze jovens retratados destacava-se a cor preta e parda dos mesmos, com um cenário iluminado e o fundo do cenário da favela estourado pela luz. A cor preta e a precariedade e “abandono” dos menores de idade nas favelas ficava mais evidente quando comparado com a imagem que vinha na sequência da fotorreportagem, numa fotografia que dividia a página com a imagem acima: um cobrador de ônibus adolescente, trajando terno e de relógio, num contraste entre fundo escuro e cor de pele clara (**Figura 7**). A dignidade e limpeza de um jovem que trabalhava era contrastada com a sujeira a abandono dos “meninos de rua” nas favelas.

Em 1949, na reportagem “A Face dramática da cidade”, a mesma imagem das crianças em abandono (**Figura 6**) era replicada. Fazia-se um recorte dos jovens: o menino com a lata

de água na cabeça, o com o carro de rolimã, e agachado entretido com a mão eram recortados do todo da fotografia e distribuídos nas três primeiras páginas ilustrando o drama da marginalidade social e pobreza urbana. As crianças pretas e pardas na rua e em situação de “abandono” são tomadas como o “problema” das favelas pelo discurso econômico e pela assistência social. Em 1951, também encontraríamos a fotografia de um jovem de pele clara indo para a escola e dois jovens negros, num contraponto elaborado pelo fotógrafo, seguidos com a legenda: a “criança, eis um aspecto doloroso entre as muitas facetas do problema da favela”, mas “se a maioria ainda tem a vida despreocupada e abandonada que os meninos de rua fotografados acima nos indicam, verifica-se que alguns busca, mesmo residindo nas favelas, encaminhar melhor seus filhos, mandando-os limpos e bem cuidados para as escolas públicas”.³⁰

Figura 7 – Adolescente como cobrador de ônibus



Fonte: SILVA, Mozart Alves da. [Cobrador de Ônibus]. *Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 71-83, mar. 1948, p. 75. Impressão rotogravura.

A retórica desenvolvimentista foi normalmente associada a exaltação da miscigenação e integração do trabalhador na vida nacional e no discurso nacional-popular. No caso acima, a partir da ênfase na marginalidade social, produzia-se uma visibilidade dos corpos negros na condição de pobreza e representados como um “problema social”. Reforçava-se um dos traços da retórica racial brasileira em que as cores pretas e pardas foram associadas a condição de

³⁰ O Censo retrata as favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 191, p. 68-82, dez. 1951, p. 79.

exclusão social.³¹ E nos casos analisados acima, o espaço social das favelas, a estereotipia racial dos negros esteve vinculado ao estigma de classes perigosas atribuído à favela.³² Esse discurso que vincula o espaço urbano da favela à marginalidade foi reproduzido em diferentes enquadramentos no século XX, desde o estereótipo da malandragem até a associação da situação dos “meninos” negros à condição de “vadiagem” e “criminalidade precoce”.

Os estigmas raciais da pobreza nas favelas cariocas foram reforçados na comunidade de leitores do *Observador Financeiro e Econômico*. As explicações racializadas para a pobreza tinham expressão em imagens e em textos. Uma das primeiras reportagens sobre o tema publicado na revista afirmavam que as causas das favelas giravam em torno da dificuldade de transportes em redor das fábricas e bairros e também em função de “um fator de natureza étnica, peculiar ao negro, que em regra é seu habitante”. Afirmava-se que o negro teria uma “natural tendência para isolar-se do branco, no meio social”, ocupando e construindo espaços marginais.³³ A diferença ou “fator de natureza étnica” era associado ao atraso econômico e social, num discurso hierarquização do branco e do negro em relação ao desenvolvimento econômico.

Na representação da pobreza urbana no discurso desenvolvimentista protagonizado pelo *Observador Econômico*, a segregação urbana era racializada e naturalizada como resultado do crescimento econômico, havendo pouco espaço para o debate sobre as implicações éticas e políticas das injustiças sociais reproduzidas no tecido urbano e na sociedade brasileira. Esse discurso desenvolvimentista entendia a pobreza como transitória, bastando o desenvolvimento econômico para romper com as imagens do atraso e da rusticidade que eram apresentados nas favelas.

Considerações Finais

A revista *O Observador Econômico e Financeiro* foi um periódico especializado em análises Econômicas e Sociais que incorporou parte das inovações gráficas introduzidas na imprensa dos anos 1940 e 1950. Nesse período, as fotografias ganharam destaque na publicação e o fotógrafo Mozar Alves da Silva foi contratado pela revista. Produzia-se fotorreportagens que noticiavam os dramas econômicos a partir das análises técnicas e estatísticas. As imagens produzidas e publicadas em série acompanhavam as narrativas dos especialistas e ofereciam “flagrantes” da vida social e econômica, um efeito de realidade.

³¹ BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Global, 2008; PINTO, Luis Costa. *O negro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996; MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

³² CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

³³ Observações Municipais - As cidades e as favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 116, jun. 1942.

As imagens de favelas no Rio de Janeiro eram tomadas como metáforas dos “problemas” gerados pelo desenvolvimento urbano industrial. Na conjuntura desenvolvimentista, atualizavam o mito da favela carioca identificado na ocupação do Morro da Providência, e acentuavam o contraste entre o padrão de vida da classe média carioca e a “rusticidade” das moradias de favelas. As fotografias assumem um ponto de vista *voyerista* e exploratório da pobreza urbana que se generalizava no cenário carioca com o desenvolvimento industrial da cidade. Outro aspecto identificado nessas imagens é a representação de tipos “marginais” que eram racializados e relacionados às classes perigosas e ao atraso econômico.

As fotografias de favelas publicadas pelo *Observador Econômico* compuseram a retórica da marginalidade social no Rio de Janeiro. A visualidade das favelas na revista tinha uma função em relação aos dados estatísticos e aos discursos que mostravam a crise imobiliária e social experimentada com o crescimento urbano industrial.

Referências

Fontes

Imagens

SILVA, Mozart Alves da. [Banheiro típico de classe média]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 119, p. 66-81, dez. 1945, p. 79. Impressão rotogravura.

SILVA, Mozart Alves da. [Cobrador de Ônibus]. *Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 71-83, mar. 1948, p. 75. Impressão rotogravura.

SILVA, Mozart Alves da. [Crianças e Adolescentes nas favelas]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 71-83, mar. 1948, p. 75. Impressão rotogravura.

SILVA, Mozart Alves da. [Fotografia da Favela]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947, p. 52. Impressão rotogravura.

SILVA, Mozart Alves da. [Interior de "barraco"]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 119, p. 66-81, dez. 1945, p. 79. Impressão rotogravura.

SILVA, Mozart Alves da. [Morro da Favela]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 191, dez. 1951, p. 76. Impressão rotogravura.

SILVA, Mozart Alves da. [Orla de Copacabana]. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947, p. 53. Impressão rotogravura.

Documentos Oficiais

BRASIL. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1948.

Obras Impressas

A face dramática da cidade. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 161, p. 20-32, jun. 1949.

Expediente. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 167, dez. 1949.

Favelas cariocas – Problema à espera de solução. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 243, p. 28-35, maio 1956.

Homens e Casas – O Problema do Mundo agravado no Rio. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 139, p. 50-62, ago. 1947.

Jovens na Economia Nacional. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 71-83, mar. 1948.

Locação de Imóveis. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 119, p. 66-81, dez. 1945.

O Censo das favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 191, p. 68-82, dez. 1951.

O Observador Econômico e Financeiro, Rio de Janeiro, n. 85, p. 4, fev. 1943.

Observações Municipais - As cidades e as favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 116, jun. 1942.

Observações Municipais – Casas Proletárias em substituição às favelas. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 182, abr. 1943.

Protesto da Associação dos Repórteres Fotográficos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 maio 1954.

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. Reconstruire une histoire oubliée – Origine e expansão inicial das favelas de Rio de Janeiro. *Gênese*, Paris, n. 18, juin 1994.

AMOROSO, Mauro. *Caminhos do lembrar: a construção e os usos políticos da memória no Morro do Borel*. 2012. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

AMOROSO, Mauro. *Nunca é tarde para ser feliz: a imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã*. Curitiba: CRV, 2011.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branco e negro em São Paulo*. São Paulo: Global, 2008.

BAURET, Gabriel. *A fotografia: História – Estilos – Tendências – Aplicações*. Lisboa: Edições 70, 1992.

BENMERGUI, Leandro. The Alliance for Progress and housing policy in Rio de Janeiro and Buenos Aires in the 1960s. *Urban History*, n. 36, v. 2, p. 303-326, jun. 2006.

CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COELHO, Maria Beatriz. *Imagens da nação: brasileiros na fotodocumentação 1940 até o final do século XXI*. Belo Horizonte; São Paulo: UFMG; EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de SP, 2012.

CORREA, Maria Letícia. Um estudo sobre o debate desenvolvimentista nas páginas de *Observador Econômico e Financeiro (1936-1954)*. *Anais do [...] XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: ANPUH, jul. 2011.

COSTA, Heloíse; BURGI, Sérgio (orgs.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre o Cruzeiro (1940-1960)*. Rio de Janeiro: IMS, 2012.

COSTA, Heloíse. Entre o local e o global: a invenção da revista *O Cruzeiro*. In: COSTA, Heloíse; BURGI, Sérgio (orgs.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre o Cruzeiro (1940-1960)*. Rio de Janeiro: IMS, 2012.

COSTA, Heloíse. Surpresa objetiva: novos modos de ver nas revistas ilustradas modernas. In: SAIMAN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas: Unicamp, 2012.

D’AVILA, Cristiane. *A favela visível: o olhar fotográfico de Anthony Leeds*. 2019. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/favela-visivel-anthony-leeds/#_ftn4. Acesso em 18/01/2020.

DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Cultura. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *História do Brasil Nação*. Vol. 4: Olhando para dentro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

ELKINS, James. An introduction to the visual studies that not in This Book. In: ELKINS, James; McGUIRE, Kristi (eds.). *Theorising Visual Studies*. New York; London: Routledge, 2013.

ELKINS, James. História da arte e imagens que não são arte. *Revista Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 18, n. 30, maio 2011.

GOMES, Gabriela. *Vivienda social en dictaduras - actores, discursos, políticas públicas y usos propagandísticos en las Regiones Metropolitanas de Buenos Aires (1966-1983) y Santiago de*

- Chile (1973-1989). 2018. Tesis (Doctorado en Historia) – Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.
- GORELIK, Adrián. A produção da "cidade latino-americana". *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 111-133, jun. 2015.
- JOHNSON, Willian S.; RICE, Mark; WILLIAMS, Carla (orgs.). *História de la fotografía: de la 1839 a la actualidad*. Nova York: Taschen, 2015.
- KNAUS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 151-168, dez. 2008.
- KNAUS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens. *ArtCultura*, Uberlândia (SP), v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jul. 2006.
- LEBRET, Louis; RIOS, Arthur; MODESTO, Helio (coords.). *Aspectos Humanos das Favelas Cariocas*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1960.
- LEDO, Margarita. *Documentalismo Fotográfico*. Madrid: Catedra - Signo e Imagem, 1998.
- LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LUCA, Tania Regina de. *Lituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Unesp, 2011.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. A Política na favela. *Cadernos Brasileiros*, ano IX, n. 41, maio-jun. 1967.
- MATTOS, Romulo Costa. *Pelos Pobres! Campanhas pela construção de habitações populares e discursos sobre as favelas na Primeira República*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ).
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autentica, 2019.
- OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. "Os trabalhadores favelados": identificação das favelas e movimentos sociais no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. 2014. Tese (Doutorado em História, Políticas e Bens Culturais), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- PARISSE, Luciano. *Favelas do Rio de Janeiro: Evolução e sentido*. Rio de Janeiro: Cenpha, 1969.
- PERLMAN, Janice. *O mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PINTO, Luis Costa. *O negro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- SCHIVINATTO, Iara Lis; COSTA, Eduardo Augusto (orgs.). *Cultura Visual e História*. São Paulo: Pamela, 2013.
- SILVA, Maria Lais Pereira da. A favela e o subúrbio: associação e dissociações na expansão suburbana da favela. In: FERNANDES, Nelson da Nóbrega; OLIVEIRA, Márcio Piñon de (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2010.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2005.
- WANDERLEI, Ludmila Carvalho. *O trabalhador na fotografia documental*. Curitiba: Apris, 2018.